

GIODIVERSIDADE VERSUS BIODIVERSIDADE NO PARQUE ESTADUAL DE VILA VELHA – PR

Piekarz, G.F.¹; Pontes Filho, A.²; Pinheiro, E. M.³

¹MINEROPAR – Serviço Geológico do Paraná; ²SEEC – Secretaria de Estado da Cultura; ³Paraná Turismo

RESUMO: O Parque Estadual de Vila Velha, situado a 70 km de Curitiba, abrange uma área de 3122,11 hectares do município de Ponta Grossa - PR. Foi criado pelo Decreto n.º 1.292, de 12 de outubro de 1953, com a finalidade de preservar as formações areníticas e as furnas existentes no local, bem como parcelas representativas dos campos nativos do Paraná. Em 1966 o conjunto Vila Velha foi tombado pelo Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, em função da excepcionalidade das suas formações rochosas, constituídas pelo Arenito Vila Velha do Grupo Itararé, Bacia do Paraná, e das furnas, que são poços de desabamento, formadas nos arenitos da Formação Furnas. A face norte dos arenitos sempre esteve em contato direto com os campos, enquanto em sua face sul, mais protegida, ocorre ampla vegetação arbórea. A partir dos anos 80, teve início amplo trabalho de proteção à vegetação do parque, com o combate ao fogo e erradicação de espécies exóticas. O parque é administrado pelo Instituto Ambiental do Paraná (IAP), cujo quadro técnico é constituído por profissionais ligados à biodiversidade (biólogos, engenheiros florestais, agrônomos), sendo praticamente nula a presença de profissionais ligados à geodiversidade (geólogos e geógrafos). Esta situação conduziu para que as pesquisas ficassem restritas aos estudos da biodiversidade. Em publicação do IAP (dezembro de 2011), que trata de uma coletânea de pesquisas em três parques estaduais do Paraná, para Vila Velha foram publicados 24 trabalhos sobre vegetação e fauna, 4 sobre assuntos diversos e apenas 1 sobre a geologia, que é o capítulo da geologia no Plano de Manejo do Parque. A ausência de profissionais ligados à geodiversidade no parque, somada ao amplo programa de combate ao incêndio, fez com que vegetação de grande porte se desenvolvesse junto à face norte dos arenitos, alterando uma paisagem cultural existente, prejudicando a sua visibilidade e propiciando o aumento da velocidade de erosão das formas. Em 2012, em reunião do Conselho Consultivo do Parque, foi formada uma comissão multidisciplinar, com profissionais das áreas da geodiversidade, biodiversidade, turismo e cultura, para estudar a situação e propor soluções adequadas. Efetuados os trabalhos, os conselheiros concluíram que a vegetação deve ser manejada ou retirada, pois está interferindo no motivo principal de existência do parque, que são as formas rochosas, além de acelerar os processos erosivos. Vindo ao encontro desta recomendação, dois resultados de pesquisas foram fundamentais para o devido respaldo. Primeiro, na comparação entre o fogo e a roçada, constatou-se que após o primeiro há um aumento na riqueza e diversidade de espécies; segundo, que o fogo sempre aconteceu nos campos em épocas normais de estiagem e parece ser necessário à sua manutenção. Esta iniciativa do Conselho Consultivo propiciou uma maior valorização dos gestores do parque à geodiversidade, conduzindo para que processos de queimada controlada sejam priorizados para a face norte dos monumentos geológicos, com o objetivo da recuperação da bela exposição de outrora e o retorno de uma paisagem cultural identificada com o parque e com o Estado do Paraná.

PALAVRAS-CHAVE: GEOTURISMO, GIODIVERSIDADE, GEOCONSERVAÇÃO